



Nobilis ista venit proprio spoliata decore,  
Ut sibi reddantur debita jura rogans:  
Joseph nomen habes: hoc in incrementa recludit,  
Sentiat effectum nominis illa tui.

Andr. Glz. invenit.

M.<sup>el</sup> Jozé Glz. delineavit, et sculps. an. 1752.



C A R T A  
A P O L O G E T I C A ,  
E A N A L Y T I C A ,

Que pela ingenuidade

D A P I N T U R A ,  
E M Q U A N T O S C I E N C I A ,

*Escreveo com profundissimo respeito,*

A ILLUSTRISSIMA, E EXCELLENTISSIMA SENHORA,

D. A N N A  
D E L O R E N A ,

Marqueza Camereira mór das Rainhas nossas Senho-  
ras, e da Serenissima Senhora Princeza do Brasil,  
COMO PROFESSORA, E PROTECTORA AUGUSTA  
*desta Sciencia,*

J O S E P H G O M E S D A C R U Z ,  
A R O G O D E A N D R E ' G O N Ç A L V E S  
·Pintor ingenuo Ulyssiponense.

L I S B O A ,

Na Regia Officina SYLVIANA, e da Academia Real.  
M. DCC. LII.

---

*Com todas as licenças necessarias.*



# L I C E N Ç A S .

## Do Santo Officio.

*Censura do M. R. P. M. Francisco Veloso , da  
Companhia de Jesu , Qualificador do San-  
to Officio , &c.*

ILLUSTRISSIMOS SENHORES.

**E**STA ordem de Vossas Senhorias não foy preceito para o meu rendimento , mas obsequio , o mais estimavel , para o meu agradecimento. Por quanto em obedecer , não só com promptidão , mas tambem com alegria , não fiz sacrificio , fiz sim huma fineza , em que se interessava o meu desejo , com o gosto de ler esta *Carta Apologetica , e Analytica* , que o seu Author escreveu com penna tão rasgada , e aparada , como sua , à Illustrissima , e Excellentissima Senhora Marqueza Camereira mór , a favor da Ingenuidade da Pintura.

E na verdade correspondeo o successo à minha expectação ; porque achei dentro desta  
Carta

Carta hum thesouro de letras , e noticias , que compunhaõ hum taõ elegante , como erudito Arrezoado , que naõ só persuade , mas convence a qualificada nobreza de huma Arte , de cuja alta origem naõ se póde duvidar , por ter sido concebida em huma bella , e perfeita Idéa, filha legitima da mais nobre Potencia do Mundo pequeno , o Entendimento do homem ; e ainda com mais fineza , e melhor fortuna , do que Minerva ; por naõ ter , nem ainda aquellas grosserias , que esta Deosa contrahio do cerebro de Jupiter , ao menos com alguns longes de mechanica. Pois que direy dos leus illustres Brazoens , taõ antigos , como os primeiros Jeroglificos , que inventaraõ os Egypcios , para exprimir os affectos do animo , antes que Apollodoro apurasse o pincel , Filodes lançasse as linhas , Cleofanto distribuisse as cores , e Aristides com a ultima perfeiçaõ , por virtude desta Arte , obraffe maravilhas , em correspondencia dos maravilhosos effeitos da natureza , que procurou equivocar com a mesma Arte : de maneira , que , sendo errado , nem por isso deixou de ser desculpavel , e ainda discreto , aquelle enleyo dos sentidos , especialmente dos olhos , com que Zeuxis pouco depois enganou as aves , e Parrasio os mesmos homens.

Mas

Mas ainda que a Pintura não fosse tão nobre por nascimento, ou por infelicidade sua, com a mudança dos tempos, e ruina dos Imperios, tivesse perdido o foro de sua fidalguia; bem podia agora dar as alviçaras, a quem lhe apresentasse este illustre padrão da sua Nobreza, que com sobrescrito de Carta remetteo o Author à Illustrissima, e Excellentissima Senhora Marqueza Camereira mór, sem se affustar, para suspender os voos da sua penna, com o respeito devido a huma Senhora desta qualidade, que, por estar tão proxima às Magestades, e Princezas Reaes, sómente lhe falta a Alteza para ser mayor. Mas, como esta Carta encerra em si tanto Direito, tantas razoens, e documentos tantos, com que toda a Jurisprudencia, e erudição do Author, não digo eu, sómente favorece, mas tambem pudera ennobrecer a mesma Pintura na falta, ou perda da sua Nobreza; justo era, que este Jurisconsulto, o mayor da nossa Nação, usasse a mesma politica do Doutor Maximo da Igreja S. Jeronymo, a quem nem acovardou a grandeza, nem reprimio a santidade de huma Santa Paula, a mais esclarecida Matrona de todas as Senhoras Romanas, para deixar de escreverlhe, não só huma, mas muitas Cartas, todas cheas de piedade, e discricão.

Quanto

Quanto mais , que para esta Carta ser bem recebida , e aceita de Sua Excellencia , com alegre , e benigno semblante , bastava ser Carta de recommendaçã , e favor , a respeito de huma Arte , que mereceo o seu agrado ; e não fó este , ainda que bastava , para mais realçar nos olhos de todos ; mas tambem (o que he mais) huma estimaçã tal , que , se pudera ter razaõ , assim como muitas vezes tem alma , seria justo o seu desvanecimento , por ter sido não poucas vezes exercitada por humas mãos taõ delicadas , que bem as podia beijar , por lhes dever mais , do que a outras mãos , a sua mayor fineza , primor , e elegancia. E certo , que isto sómente bastava para mayor tymbre da sua Nobreza.

Por esta causa tinha muita razaõ o Author para se indignar contra o vulgo rustico , e insipiente , por ter taõ máo gosto , e baixo conceito de huma Arte , que vendo-a andar por essas alturas dos mais nobres , e soberbos Palacios , ainda assim , a desestima , e reputa por mechanica , como se fora nascida , e creada nas mais humildes choupanas. Mas desculpo-o em parte , por isso mesmo , que ignorava até agora este Padraõ da sua Nobreza. Agora sim , tanto que se publicar esta Carta , já ninguem ha verá taõ grosseiro , que lhe não faça huma cor-  
tezia

tezia correspondente à sua graduação ; por fer-  
taõ attendido , e respeitado o Nome do seu Au-  
thor , que bastará saberse , que elle acreditou es-  
ta Arte com a sua penna , naõ menos subtil,  
que o pincel , de quem a cultiva , para ninguem  
já mais lhe disputar a sua Ingenuidade. De mim  
confessõ , que quando li esta Carta , formey taõ  
alto conceito da sua Nobreza , que fiquey ne-  
cessitado , naõ só para a trazer nas palmas , mas  
tambem para a collocar , se pudera , debaixo dos  
mais altos doceis ; porque , depois de qualifica-  
da a sua Nobreza com a excellencia de tantos,  
e taõ magnificos titulos , com que o Author de  
novo a ennobrece , e engrandece , he sem con-  
troverfia , que se lhe devem conceder todas as  
honras , que saõ commuas às mais Artes libe-  
raes , e ainda outras mayores , como se fora Prin-  
ceza , ou Rainha de todas.

Por ultimo rogara eu tambem agora a  
quem fez escrever esta Carta , naõ puzesse só-  
mente o seu empenho , em dar à estampa esta  
Carta , mas tambem em nos dar hum Retrato  
do seu Author com aquella delicadeza de maõ,  
e subtileza de pincel , que todos admiraõ , e por  
isso he a mais apta , para representar ao vivo  
este mayor , e melhor Mecenas da Pintura , que  
com estas , e outras Obras , todas dignas do seu  
raro ,

raro , e palmofo engenho , bem merecê ficar immortal , naõ só na memoria , mas tambem nos olhos dos vindouros. Assim o espero com a mesma impaciencia , com que o desejo ; e com tanta pressa , quanta teraõ Vossas Senhorias em dar a licença , que se pede , para imprimir esta Carta , que para bem havia de ser impressa com caracteres de ouro , pela sua preciosidade , sem fezes algumas de vicio , que encontre a fineza da Fé , ou a pureza dos bons costumes. Lisboa na Casa Professa de S. Roque aos 20 de Novembro de 1751.

*Francisco Velloso.*

**V**ista a informaçãõ , pode-se imprimir a *Carta Apologetica* , que se apresenta , e depois voltará conferida , para se dar licença , que corra , sem a qual naõ correrá. Lisboa , 23 de Novembro de 1751.

*Abreu. Almeida. Trigofo.*

Do

# Do Ordinario.

*Censura do Reverendo Doutor Joseph Thomás  
Borges, Presbytero Secular, &c.*

EXCEL.<sup>mo</sup> E REV.<sup>mo</sup> SENHOR.

**V**I com a mayor attençãõ a *Carta Apologetica, e Analytica*, que pela ingenuidade da Pintura, em quanto sciencia, escreveo o Doutor Joseph Gomes da Cruz, e a liçãõ della me segurou indefectivel o grande conceito, que muito antes me havia devido este Escriitor, eximiamente versado em huma, e outra Jurisprudencia, insigne em tædo o genero de erudiçãõ, e com publico louvor acreditado na Republica litteraria. Se todas as Obras, que aspiraõ à luz do prélo, fossẽm taõ magistralmente compostas, nenhum lugar deixariaõ para a censura. Nesta Carta naõ se descobre nem huma só syllaba, que se opponha aos dogmas da Religiaõ, ou à pureza dos bons costumes: e assim julgo, que V. Excellencia póde conceder a André Gonçalves, Professor ingenuo da Pintura, a licençã, que pede para a estampa da

\*  
mesma

mesma Carta: e sempre V. Excellencia determinará o que for servido. Lisboa, 27 de Novembro de 1751.

*Joseph Thomás Borges.*

**V** Ista a informação, pode-se imprimir o papel, de que se trata, e depois torne para se dar licença para correr. Lisboa, 1 de Dezembro de 1751.

*D. J. A. de Lacedemonia.*

# Do Desembargo do Paço.

*Censura de Diogo Barbosa Machado , Abbade Reservatorio da Igreja de Santo Adriaõ de Sever do Bispado do Porto , e Academico da Academia Real , &c.*

S E N H O R.

**A** Excellente Arte da Pintura , ainda que teve a sua origem da sombra dos corpos, naõ lhe impedio este escuro nascimento a posse do Principado , que logra entre todas as Artes liberaes , assim pela antiguidade do tempo, como pela vastidaõ do dominio. Foraõ os seus primeiros cultores os Egypcios , dos quaes instruidos os Gregos , estes a introduziraõ em Italia , onde assim no fim da Republica , como no reynado dos primeiros Cefares , alcançou grande estimaçaõ ; porém com a ruina do Imperio Romano padeceo igual decadencia , da qual a restaurou na feliz Epoca de 1240 Cimabue , chegando com o progresso dos annos à sua mayor perfeiçaõ. A vastidaõ do seu dominio se dilata desde o convexo do Firmamento até a superficie da terra , e introduzindo-se no Imperio, faz visivel a Magestade do Altissimo, e de todas

as Jerarquias , que formaõ a Corte deste Divi-  
no Monarca ; privilegio , que lhe concedeo a  
gentilica authoridade de Cicero , lib. i. *de Na-  
tur. Deor.* , fallando das suas mentidas divinda-  
des: *Deos novimus ea facie , qua Piçtores volu-  
erunt.* Coarçta-se cada Arte liberal a hum uni-  
co argumento. A Grammatica , na disposiçaõ  
das letras , e propriedade de palavras ; a Diale-  
ctica , no artificio dos fyllogismos ; a Rhetorica,  
na elegancia dos discursos ; a Arithmetica , na  
computaçãõ dos numeros ; a Musica , na armo-  
nia das vozes ; a Geometria , na arrumaçãõ das  
terras ; e a Astrologia , na observaçãõ dos Pla-  
netas ; porẽm a Pintura , emula da natureza , e  
imitadora da Divina Omnipotencia , se coroa  
Princeza de todas as Artes , representando tudo  
quanto se admira no theatro do Mundo , com  
hum taõ agradavel encanto , e innocente Ma-  
gia , que obriga aos olhos a confessar , que o  
falso he verdadeiro , o mudo eloquente , e vi-  
vente o morto , nascendo esta ocular illusaõ do  
primoroso engenho , com que o desenho se vê  
animado pelo colorido. Para immortal credi-  
to do Magisterio de taõ nobilissima Arte , que  
discipulos naõ sahiraõ da sua Escola , dos quaes  
logrando sómente a primazia no tempo os Apel-  
les , Timantes , Protogenes , Zeuzis , Parrasios,  
e Pan-

e Panfilios , os despojaraõ desta gloria , os que  
floreceã nestes ultimos seculos , chegando com  
milagroso artificio a transferir os seus espiritos  
para os corpos , que formavaõ com o pincel.  
Destes famosos Corifeos receberaõ as Nações  
mais illustres da Europa novos tymbres com os  
seus nascimentos , gloriando-se Roma com Ra-  
fael de Urbino , Julio Romano , André Sachi ,  
Cyro Ferri , e Carlos Marata : Florença com  
Miguel Angelo Buonarrota , André del Sarto ,  
e Pedro de Cortona : Veneza com Sebastiaõ del  
Piombo , Jacobo Tintoreto , Paulo Caliarra :  
Lombardia com Luiz Carache , Guido Reno ,  
Miguel Angelo de Caravagi : Alemanha com  
Rembrant , Joaõ Holbeim , e Abrahaõ de Mi-  
gnon : Hollanda com Lucas de Leiden , Abra-  
haõ Bloemuert , e Francisco Mieris : Flandes  
com Joaõ Stradan , Martim de Voz , Paulo Bril ,  
Antonio Vandych , e Pedro Paulo Rubens :  
Inglaterra com Guilherme Dobson , Pedro Le-  
ly , e Jaques Thornhill : França com Simaõ  
Voüet , Nicoláo Poußin , Carlos Lebrun , An-  
tonio Coypel , e Jacintho Rigaud : Castella com  
Joseph Ribera , chamado o Hespanholeta , Bar-  
tholomeu Murillo , e Diogo Velasques ; e Por-  
tugal com o Graõ Vasco de Viseu , Affonso  
Sanches Coelho , Gaspar Dias , Amaro do Val-  
le,

le , Diogo Reynoso , Fernão Gomes , Joseph do Avellar , Diogo Pereira , Marcos da Cruz , Bento Coelho , o insigne Francisco Vieira , Cavalleiro da Ordem Militar de Santiago , e entre elles aquelle , que foy causa , de que se escrevesse esta Apologia , cujo nome não declaro , receando offender a sua virtuosa modestia . Para estabelecer os antigos braçoens de tão illustre Arte , e dos seus Professores , sahe a campo o Doutor Joseph Gomes da Cruz , armado da sua inimitavel elegancia , e não lhe bastando para eterno credito do seu talento as eruditissimas Allegações Juridicas , que admirou o Areopago Lusitano , dignas de serem recitadas no Senado da antiga Roma , das quaes podia aprender eloquencia o mesmo Cicero , se empenhou a patrocinar causa mais nobre ; e como o mayor adversario deste privilegio fosse o Filosofo Seneca , o explica com tal arte , que o faz parcial da sua opiniaõ , mostrando , que a severidade Estoica deste Filosofo se armara contra aquelles Pintores , que com estrago da continencia davão a beber pelos olhos o veneno de affectos lascivos , como já no seu tempo lamentava S. Pedro Chrysologo , *Serm. 155 : Formant adulteria in simulacris , fornicationes imaginibus mandant , titulant incesta picturis* ; cujo abominavel

vel uso condemnou o Concilio Tridentino na sess. 25. de *Reformat. Omnis lascivia vitetur, ita ut procaci venustate imagines non pingantur, nec ornentur.* A estes fautores da lascivia, e antagonistas da honestidade, se lhe deve negar o privilegio da nobreza, e não àquelles, que religiosamente praticaõ as suas idéas. Este mesmo argumento propugnou haverá cento e vinte e cinco annos o Doutor D. João de Butron, professor de ambos os Direitos, no livro, que imprimio com o titulo de *Discursos Apologéticos, en que se defiende la ingenuidad de la Arte de la Pintura*; mas assim como o Sol vence a todos os Astros na copia das luzes, e a aguia a todas as aves na velocidade dos voos, excede esta Apologia àquella na elegancia do estylo, copia de authoridades, e efficacia de argumentos. Viva pois o eruditissimo Apologista eternamente copiado neste papel pela sua penna, onde permanecerá indelevel mais do que pelo pincel dos mais celebres Pintores, dos quaes estabelece a nobreza, e formelhe a Estatuaria, em gratificaçaõ do zelo, com que propugnou os honorificos tymbres de sua irmãa a Pintura, hum simulachro, onde por toda a posteridade se venera o seu nome contra a voracidade do tempo. Este he o meu voto, que entãõ ferá ju-  
cioso,

cioso , quando V. Magestade ordenar , que se publique esta Apologia , na qual não podia seu Author calir na menor transgressão das suas Leys , sendo o mais profundo Professor dellas. Lisboa, 10 de Dezembro de 1751.

*Diogo Barbosa Machado.*

**Q**ue se possa imprimir , vistas as licenças do Santo Officio , e Ordinario , e depois de impresso tornará à Mesa para se conferir , taxar , e dar licença , para que possa correr , sem a qual não correrá. Lisboa , 20 de Dezembro de 1751.

*Marquez P. Vaz de Carvalho.*

*Almeida. Mouraõ.*

ILLUS.

ILL.<sup>MA</sup> E EX.<sup>MA</sup> SENHORA.

**R**ECORRE a V. Excellencia a Pintura, para lhe proteger a ingenuidade offendida em Portugal: e quanto delinquiria eu contra o generoso espirito de V. Excellencia, se o pertendesse persuadir com discursos para a protecção de huma Arte liberal, a que V. Excellencia se applica com illustre perfeição. Padece a Pintura entre nós as injustiças, de que se queixa magoadamente; porque os seus Professores cuida-

A dosos

dosos no estudo , mais que no predicamento , a naõ remiraõ do conceito do nosso Paiz , nisto mais barbaro , que disciplinado; e nasceo deste descuido o abuso de se-reputar mecanica esta Arte , que he compendio elegante , scientifico, e vistoso de tantas sciencias principaes , que nella melhor se exaltaõ , do que se symbolisaõ: verificando-se o paradoxo incrível de se suppor o compostõ mecanico , cujas partes faõ nobilissimas.

Prototypo das Artes liberaes , ostentação do engenho , credito do pensamento , desperador do espirito , doutrinador da vida , escriptura dos seculos , lingua das antiguidades , verdade das historias , mestra dos ignorantes , milagre da natureza , indice patetico dos affectos , e paixoens , de humanidade , e espelho das obras do Artifice supremo , he por ajustada definição , e analogia , a Pintura , que se exercita com sciencia primorosa. Por ella , e em representação gentil , explica o professor theorico , e pratico , a suave intimativa da Rhetorica , a fermosa proporção da Semytria , a regra magistral da Arithmetica , a expressão affectuosa da Musica , os pensamentos divinos da Poesia , a luz clara da

Histo-

Historia , a organizaçãõ scientifica da Anatomia , e finalmente no quadro , em que tudo isto se exercita , sabe o pincel emendar os descuidos da natureza , formando figuras mais bellas , e regulares , do que ella produzio.

Por isso clamo eu agora decoroso , e constante , que das Sciencias moraes ( naõ fallo na Theologia , e Jurisprudencia ) nenhuma he taõ nobre , doutrinal , e precisa , como a Pintura para a instrucçãõ dos nossos costumes , e aproveitamento ; porque nem tanto , nem melhor , que a Pintura , outra Arte nos introduz , com agradavel expressãõ , preceitos purõs , nos encaminha com doce , e vehemente atracçãõ , para empresas de honra , e de virtude , e nos dá idéa clara , e possivel de Deos , e das suas maravilhas. Por esta Arte ( que toda he de entendimento ) recebemos luz prompta para a compositura da vida , quando a mãõ do Artifice perfeito nos intíma com elegante moralidade , no painel historiado , allegorico , metaforico , e demonstrativo , as regras virtuosas para o exercicio da honestidade dos nossos passos ; pois he a Pintura assim doutrinal , flagello rhetorico , e mudo dos vicios , e espirituoso incentivo para aper-

feição moral, e politica do Varão Sabio, e Catholico.

Naõ se exercitava no seculo de Seneca a Pintura com esta moralidade ; porque Roma gentilica ( depravada na concupiscencia , que tanto entre outros vicios grassou naquellas idades ) estimava em muito objectos lascivos , nos quaes ( rasgado o veo da pudicicia ) se estudavaõ estimulos para o deleite , e tambem se dedicavaõ os amores , profanando-se a immundidade da mentida natureza. Seneca, mais moral na doutrina , que nos costumes, enfurecido contra a torpeza dos Romanos, e reputando na Epistola 88 a Lucilio aos Pintores daquelles objectos artifices da deshonestidade , os considerou indignos da classe das Artes liberaes ; e bastou esta declaraçaõ , ou este dogma Estoico ( naõ contra a Pintura como sciencia , mas dirigido aos Professores della , que viciosos introduziaõ na imagem immodesta, se bem perfeita nas regras da Arte , representações abominaveis ) para que principiasse o conceito , de que a Pintura era illiberal , adulterada a doutrina de Seneca na generalidade, com que foy recebida.

Correraõ os tempos, e crescerãõ nelles as  
liber-

liberdades dos Escretores, exercitadas muitas vezes com soberba, e ostentaçãõ; porque perdida pelo peccado do primeiro homem a harmonia do socego placido, que haveria no venturoso estado da innocencia, se franquearaõ as certezas pela porta das disputas, introduzindo-se nellas os vicios das delicadezas, e desvanecimentos, como tributo hereditario da natureza corrompida, que se consumirá com ella no abraçado dia do diluvio universal; e conseguiu o inimigo da verdade perseguilla de modo, que nada houvesse no Mundo, em que ella naõ experimentasse opiniaõ.

Passaraõ os Filósofos do Paganismo as vidas em questoes, inventaraõ-se as Seitas, frequentaraõ-se as Aulas, erigiraõ-se tambem Escolas no Christianismo, e em fim se bemquistaraõ as Criticas; porque o demonio, pelo dom da sciencia, que conservou, perdida a graça, antevio, que a natureza humana propensa para a variedade, e dominada do espirito da inquietaçãõ, que domina de ordinario, o engenho facil, e agudo perturbaria a certeza das cousas no mesmo exame, que entrasse para a indagar, disfarçandolhes os delirios da paixãõ,  
e da

e da vaidadẽ nos meynos de a excluirẽm.

Tudo nesta fórma se perturbou, padeceo, e padecerá pelo primeiro peccado; e tambem a Pintura experimentando os effeitos destas perturbações, padece o conceito, com que a injuriaraõ effes Doutores, que lhe disputaõ a nobreza originaria, e politica. Naõ podiaõ achar principio solido no Direito primitivo dos Romanos, porque nos duzentos e quarenta e quatro annos, a que se extendeo o governo dos Reys, foy a Pintura estimada distinctamente, como o era a familia dos Fabios com o appellido de Piçtor, brazaõ illustre dos Consules descendentes de Fabio, filho terceiro, e legitimo de Numa, Rey segundo de Roma, que como Professor pintara nella o famoso Templo da Saude. Naõ podiaõ descobrir nas doze Taboas, nos Plebiscitos, Senatus Consultos, Ediçtos dos Pretores, repostas dos Sabios, e nas Constituições dos Principes, que foraõ os Legisladores successivos, e discretivos, do primeiro Direito Civil, escrita Ley alguma, porque a naõ havia, contra a nobreza da Pintura. Naõ podiaõ valerse do magestoso corpo das Leys compiladas, e feitas por Justiniano, porque as que elle nos deixou

deixou privilegiavaõ distinctamente a Pintura, e para a diffamarem, buscaraõ o lugar de Seneca, e fortalecendo-o com as interpretações malignas de alguns textos, em que fundaraõ hum scisma, que he heretico no sentido civil, e politico, contra toda a Ley, e prudente racionaçãõ.

No entendimento moral de Seneca se exercitou o primeiro mais forte insulto desses Doutores, e padeceria Seneca daqui em diante no conceito dos eruditos modernos, se eu nesta Apologia naõ vindicasse a sua moralidade do vilipendio, com que a pervertem: *Non adducor, ut in numerum liberalium artium pictores recipiam, non magis quàm statuarios, aut marmorarios, aut cæteros luxuriæ ministros*, escreveo Seneca naquella Epistola 88 a Lucilio. Naõ admittio nestas palavras entre as Artes liberaes aos Pintores deshonestos: e quem naõ vê, que fallou dos Pintores em particular, e naõ da Pintura em geral, naõ detestando a sciencia, mas o abuso della? E por isso quando reprehendeo a esses Artifices, lhes declarou logo o motivo causal de serem ministros da sensualidade. E se Seneca tanto vituperou o máo uso, que se da-

va

va à Pintura , embravecendo-se contra os Pintores , que abusavaõ do seu virtuoso fim , nisso mostrou o quanto a louvava , sendo excitada sem esse abuso , explicando como Filosofo , que era , na detestaçaõ concretiva do vicioso na Pintura , o que devia ser louvavel nella. Por isso declamou pela causa final , que o movia , para que se não entendesse , que deixava comprehendidos em geral aos Pintores , que se não excluíaõ na dita causa.

Eu não me admiro , que contra Seneca se apararaõ , e apuraraõ pennas eruditas , delicadas , e anatomicas , que o arguiraõ de inconsistente , e tambem de contrario na sua doutrina ; porque sempre contra os Virgílios , os Ciceros , e Titolivios , houveraõ Polioens , Marcos Brutos , Calvos Afinos , e outros Aristarcos Pseudocriticos soberbos. Reparo fó , que dentro na doutrina , que se abraçou como virtuosa , de Seneca , se estabelecesse a proposiçaõ , que o infamasse ; querendo , que elle no puro systema filosofico detestasse o bom na invecliva determinada contra o máo. Quem na mesma sciencia reprehende o vicio , engrandece a virtude. Quem abomina hum contrario , abraça o outro.

Quem

Quem castiga o delinquente, estima a Ley offendida. E quem priva do privilegio da Nobreza, reconhece a existencia della.

Nem he crível, que amando Seneca espirituosamente os incentivos da honra, da gloria, e da vida doutrinada, como mostraõ os discretos clamores dos seus preceitos moraes, e sendo estimador heroico das perfeições do entendimento, vituperasse a Arte da Pintura, que he epilogo perfeito, e visível dellas. Na sua mesma Roma via Seneca pintaremse nos Escudos, e Estandartes bellicos as armas, as proezas, e as façanhas, como despertadores efficazes dos Soldados para acções gloriosas. No Senado achava representadas pelo Artifice, historiador mudo, as batalhas, em que o Povo sahira vencedor: e erigidos nos lugares publicos os retratos Iconicos, e Ethicos dos Triunfadores Olympicos, exemplares activos, que alentafsem os espiritos para fortaleza, e emprezas magnanimas, melhor intimadas pelos olhos, que pelos ouvidos, e com elegancia mais penetrante nas figuras do pincel sabio, que pelos trópos da lingua do Orador erudito.

Na idade de Seneca permanecia a familia,

B

que

que já disse , dos Fabios , com o appellido de PicTOR. No Catalogo dos Professores da Pintura , contava Seneca muitos Principes Romanos , que exercitaraõ esta sciencia. No Systema da Escola Estoica era liberal tudo , o que a disciplina dos Gregos , primeiros , e melhores Mestres da Politica civil , reputaraõ por ingenuo. E era dogma elemental , que já vinha de Cicero , naõ se abater a sciencia abstractiva pelo uso vicioso dos Professores della : e naõ merece o entendimento de Seneca se lhe attribua 'doutrina contradictoria das virtudes , e estudos , de que elle foy proclamador ; nem os Romanos zeladores das honras , predicamentos , e distincões , sofreriaõ se envilecesse o estado da nobreza da Pintura , que tanto se estimava naquelle Povo , vendo-se a si abatidos , a seus antecessores , a tantos Principes , e a huma geraçaõ Real , illustrada com Consules pela penna de Seneca , se elle exprimisse , o que os Escretores nos seculos futuros a elle escreveraõ , que dissera !

O mesmo Seneca definio nessa Epistola a Pintura dentro na regra , que deixava já estabelecida de ser liberal toda a applicaçãõ ; e o estudo , que os Gregos chamaraõ *Disciplina liberal* ,

beral, que foy tambem a definição de Ulpiano para as Artes liberaes : *Liberalia autem studia accipimus, quæ Græci liberales disciplinas vocant*; e accrescentou, que todos os empregos, dignos do Varaõ livre, eraõ liberaes. *Quare liberalia studia dicta sunt vides, quia homini libero digna sunt, cæterum unum studium vere liberale est, quod liberum facit, id est, sapientiæ sublime, forte, magnanimum.* E bem sabia Seneca, que os Gregos estimavaõ a Arte da Pintura com tal distincão, e superioridade das mais Artes liberaes, que nenhum mancebo ingenuo, sem a aprender, passava para o estudo de outra sciencia, prohibindo ( para que fosse nobre a Pintura ) por Edicto perpetuo, o uso, e o estudo della aos escravos : *Et hujus auctoritate (diz Plinio) effectum est sicyone primum: deinde, & in tota Græcia, ut pueri ingenui ante omnia antigraphicem; hoc est, Picturam in ludo docerentur, recipereturque Ars ea in primum gradum liberalium: semper quidem honos ei fuit, ut ingenui eam exercerent: mox ut honesti perpetuo interdicto, ne scientia docerentur;* e desta disciplina, e do dito Edicto dos Gregos nos dá a mesma certeza Alexandre de Alexandre,

acrescentando , que era reputado por indou-  
to , inhabil , e preferido por todos , quem não  
aprendia a dita Arte , que como a primeira das  
liberaes , era vedada aos escravos: *Sicut sicyo-  
ne , mox per omnem Græciam tanti fuit studii ,  
ut pueros ingenuos. Picturam , tamquam præ-  
cipuam liberalium artium in primis edocerent  
Magistri perpetuo interdicto , ne ad illam man-  
cipia admitterentur , indoctusque , & omnium pos-  
tremus habebatur , quisquis hujus artis nescius ,  
aut expertus foret ;* e he ponto concordado nos  
eruditos da Historia Grega.

No mesmo modo , se Seneca na opiniaõ  
da Filosofia Estoica concluía , que só era libe-  
ral o estudo , que fazia aos seus Professores ani-  
mosos , fortes , e livres nas suas acções , e por  
isso detestava os Artifices das Pinturas daquel-  
les seculos , (que commummente eraõ lascivas ,  
como diz Filippo Beroaldo no Comento de  
Suetonio Tranquillo ) porque attrahiaõ os ani-  
mos à escravidãõ da concupiscencia ; claro he ,  
que pois nesses Pintores se não verificavaõ as  
partes da definiçaõ , haviaõ ser elles illiberaes.  
Nem Seneca , exercitando a pericia de Filosofo ,  
dos mais doutos da sua idade , se empenharia a  
buscar

buscar razões para não ser liberal a Pintura, se ella em si fosse mecanica; porque sabia, que não podia fundar essa privação de nobreza, se não houvesse o habito della sobre que cahisse a dita privação.

Teve Seneca juizo prudencial de grande doutrina, e erudição, e conheceo por luz viva de discurso moral, que todas as Leys, todos os Estatutos, todos os Conceitos, e absolutamente tudo, o que he legislativo, se regem por huma jurisprudencia media, e racional, ou temperamento discreto entre a igualdade particular, e a equidade legal, que entendendo os textos, e os actos pela intenção dos Legisladores, ajustada à congruencia dos tempos, os declara, e interpreta, e os costumes, que he o sentido, em que se podia dizer variavel a Ley humana: e a isto que chamamos, e se chamou sempre Epicheia, ou interprete provisional, e prudencial, que rege as cousas com variedade congruente à natureza, e à mudança dos tempos, e estados, se fugeita o entendimento, doutrinado para a verdadeira intelligencia das determinações legislativas, ou sejaõ do Principe, ou do costume.

Nisto leva a Epicheia ventagem aos  
Douto-

Doutores , pois ainda que sejaõ tochas elegantes , que nos aclarãõ os discursos na escuridaõ das Leys para os casos comprehendidos nellas , nos naõ instruem nos acontecimentos naõ symbolizados nesses casos , pois tem limites a alçada intelligencia genuina , prudente , provavel , e magistral dos Doutores , que só lhes permitio Justiniano no seu Edicto. Porém a Epicheia com a jurisdicçaõ mais adiantada de inspectora da vontade do Legislador , ( que he a alma da Ley ) a dá racional para o nosso governo , regendo-se naõ pelo que se escreveu , e costumou , mas pelo que se escreveria , e costumaria naquelle tempo , mudadas as circumstancias , e alterados os fins , que se attenderaõ , se naõ ajustaßem a elles as determinações , que entãõ pareciaõ ajustaßas ; porque raciocina esta Mestra prudentissima de huns casos symbolizados nos outros , na mesma razãõ , e natureza , para os comprehender na mesma Ley ; e da contrariedade de outros para os reger com Ley contraria. E a naõ ser assim perigaria algumas vezes a justiça distributiva , exercitando-se a summa injuria na observancia cega do direito summo.

Se Seneca alcançasse a Ley da Graça , ou  
vivesse

viveſſe nella , e reproduzido de Roma Gentilica para Roma Catholica , admiraffe o quanto em huma eraõ as Pinturas differentes , do que foraõ na outra , e o como aquella instrucçaõ , ou liſonja para os vicios , era hoje deteſtaçaõ , e abominaçaõ delles : ſe nos Palacios Pontificios , nos Templos , nos Santuarios , e em todas as Caſas dedicadas a Deos , e aos ſeus Santos , viſſe era tudo Divino , e ornado com quadros , que em figuras moraes , e doutrinaes expreſſoens nos representavaõ , e enſinavaõ a obſervancia dos mandamentos da Igreja , e os myſterios da noſſa Fé : ſe conſideraſſe nos tres cultos , que entre os fumos do incenſo tributamos nos Altares às Imagens ſagradas : e ſe em fim conheceſſe , que ſó pela Pintura alcançavamos figurada viſivelmente a Imagem de Deos , e huma intelligencia humana da Jeruſalem triumphante : não chamaria Seneca aos Profellores deſtas Pinturas , como definio , ou comparou aos outros Artifices da deſhoneſtidade ; antes venerando a perfeiçaõ , a moralidade , a doutrina , e a importancia deſtas Imagens , exaltaria de heroica , e orthodoxa , a ſciencia da Pintura , que nellas ſe empregou.

Se olhassê para Joseph , defendendo com sagrada constancia a castidade : se visse tantas Virgens merecendo , em martyrio cruento , as palmas da virgindade : se por outra parte , topando com a vista na representaçõ do deserto , achassê os Anacoretas , cultivadores solitarios , e vigilantes da candida flor da continencia , fortalecendo o espirito com as mácerações do corpo : ou se em pequena taboa estivesse figurada a horrivel representaçõ do Inferno dos lascivos : clamaria Seneca com ajustadiffimos epithetos , que estes Pintores , sim , contrapostos aos de Roma , eraõ declamadores eloquentiffimos contra a sensualidade , exhortadores elegantes para o caminho da virtude , e discretos directores do espirito da castidade.

Quantas vezes se commoveria Seneca , enchendo-se de admiraçõ , e de doutrina , vendo exercitadas com artificio bello , e moral , pelo pincel engenhoso , e sabio , o retrato das obras do Creador , e da creatura , e admiraria a uniaõ distributiva , e symbolica , das sciencias , e das virtudes , que alli se comprehenderiaõ ? E se Seneca assentava , que a Filosofia Estoica era a Princeza das Artes liberaes ; porque instruhia com

os seus preceitos para os bons habitos , e para o perfeito conhecimento das sciencias uteis à vida dos costumes , como defestimaria a Pintura , que em melhores figuras nos mostrava não só a instrucção para as sciencias , mas hum perfeito congregado dellas , e tanto mais attractivo , quanto os olhos nos penetraõ melhor , que os ouvidos.

Nessa Filosofia Estoica , que tanto venerou este Professor della , não consentiria elle , que perdesse a sciencia o predicado de nobre pelo máo uso , e prevaricação de algum Filofofo : e sempre a sciencia seria ingenua , ainda que o Professor delirasse da sua doutrina. Porque os Romanos foraõ transgressores das suas Leys , não deixaraõ ellas de serem virtuosas: porque o Theologo não votou bem ; o Medico errou a cura ; o Musico cantou sem voz , nem compasso ; o Juiz julgou injustamente ; e o Advogado prevaricou no officio , não passaraõ de liberaes para mechanicas a Theologia , a Medicina , a Musica , a Jurisprudencia , e a Advocacia.

Naõ mereceo Seneca ( por destinação da providencia Divina ) nascer com a luz da Ley

da Graça ; e se aquelle nobilissimo entendimento fosse Catholico, confessaria, que a Jerarquia, em que esteve Lucifer, não perdeu pela soberba, abatimento, e peccado delle, a exaltação, e a virtude de Angelica ; nem que a natureza humana deixou de ser a obra mais perfeita da mão de Deos pela culpa pessoal da primeira creatura. E se eu agora me embarcasse com os Pseudo-Senecas, lhes lembraria, que por haverm Antipapas, Papas verdadeiros, ainda que máos Pontifices, Principes tyrannos, Sacerdotes homicidas, Religiosos adulteros ; não perdeu a Tiara Pontificia a prerogativa de santissima, de justissimo o poder dos Monarcas, e de perfeito o Sacerdocio, e o estado Monacal.

Mas para que arrebatou até aqui o discurso nesta Apologia ao juizo, e memoria de Seneca, se elle não legislou contra a Pintura, e só disse, que os Artifices no máo uso della não fossem liberaes, não por Professores, mas como Pintores immodestos, que naquellas fórmás desafiavaõ, e lisongeavaõ a incontinnencia ? Por isso, para mayor credito de Seneca, e da gloria da Pintura, expendi com verdade de pura intelligencia a Epistola 88, e o seu genuino con-

ceito

ceito para delle me valer em beneficio da Pintura, e mostrar, que erraraõ os Doutores, que a abateraõ, fundados na authoridade deste grande homem, e erraráõ daqui em diante, os que guiados pelos fundamentos desses Doutores forem parciaes contra a nobreza desta ingenua sciencia.

Naõ digo (nem a tanto me impelle o amor, e a veneraçãõ) que considerada a Pintura por modo concretivo, saõ nobres os Pintores politicamente, só porque saõ Pintores; porque co-nheço, que os indoutos, os abjectos, os mercenarios de obras fordidias, saõ indignos do Privilegio concedido à Arte, e aos peritos, prudentes, conspicios, e graves nella; assim como qualquer outro professor nescio, e incapaz naõ participa da immuniidade da nobreza, e das prerogativas concedidas à sciencia. Fallo abstractivamente da Pintura, que nobilita aos Artifices theoreticos, e praticos nella, e dos Pintores desta esfera, e qualidade, digo, que naõ saõ, nem devem ser mecanicos; mas nobres para todos os empregos, e predicamentos proprios, dos que professaõ huma Arte liberal. Quero dizer, que a Pintura, em quanto sciencia, he Arte no-

bilissima, e que são nobres os Professores, que a exercitaõ dignamente.

Toda a Arte liberal he nobre: a Pintura he Arte liberal, logo he nobre. Por Direito Civil he liberal toda a Arte, que os Gregos estimavaõ por sciencia liberal. A Pintura entre os Gregos era a primeira sciencia entre as liberaes, logo he Arte liberal. Aquella he a Arte liberal no conceito universal dos Jurisconsultos, e dos Doutores, que he capaz do varaõ livre, e que lhe dá preceitos para ser forte, prudente, e sabio nas suas acções. A Pintura de tudo isto he capaz, logo he nobre.

Com estes tres syllogismos, (deixados outros) dos quaes o segundo, e terceiro são provas evidentes da menor do primeiro, argumentarey agora contra os Antagonistas da ingenuidade da Pintura. Não me negaráõ como elemento certo, que as Artes liberaes são nobres; mas como podem negar, que a Pintura seja Arte liberal, para que a consequencia os não conclua, anticipey o segundo syllogismo, cuja concluencia ou se ha de confessar, ou negar-se a verdade da dita Historia Grega, e a certeza, que neste ponto dão os Historiadores anti-

gos,

gos, que he constante nos Juristas, que trataõ desta questaõ; e só assim, negado este principio, poderá naõ concluir o argumento, que supposta a verdade das premissas da mayor, e da menor, naõ tem resposta concludente; porque o ser Arte liberal tudo o que os Gregos admittiaõ por disciplina liberal, he definiçaõ expressa, sem contraditor, de Ulpiano na *L. 1. ff. de var. & extraord. cognit.* nas palavras já transcritas; e estimarem os Gregos a Pintura, como a sciencia principal entre as liberaes, he elemento da Historia, e o certificaõ os dous Historiadores, que transcrevi, deixados muitos, que naõ refiro.

Poderse-ha recorrer a que os Romanos aõ depois se apartaraõ da generalidade da dita definiçaõ, admittindo os servos a Pintores, sendo prohibidos pelo Edicto geral dos Gregos. Mas a effes servos nunca deraõ os Romanos a gradaçaõ, e os privilegios concedidos ao Pintor ingenuo, salvando com este abatimento, praticado nos servos, a ingenuidade mandada observar no dito Edicto aos Professores da Pintura livres, e ingenuos; e por isso, que exceptuaraõ os servos para os grãos, e distincões concedidas aos varoens livres, estabeleceraõ nesta excepção

ção regra firme de nobreza a respeito delles.

Quem for erudito na Historia Romana saberá, que aos servos não era prohibido aprender, e exercitar as Artes liberaes, ainda que não conseguissem a nobreza, e todas as prerogativas concedidas por ellas aos varoens ingenuos, porque havia servos Medicos, Filósofos, e Poetas, que eram Professores destas Artes, que são liberaes, e summamente estimados nellas naquelles felices seculos, em que a estimação das gentes andava vinculada à sabedoria pessoal. E se eu fizera aqui catalogo de grande parte dos servos, que por Medicos, Pintores, Filósofos, Poetas, e pela sciencia de outras Artes liberalissimas subiram a alturas de distincção politica, bastaria dizer, que Platon dedicou a Fedon o livro Divino da immortalidade da alma, e que Menipo, Pompilio, Perfeu, Mys, e o grande Epicteto, e os mais que nomeam Aulo Gelio, Macrobio, e Tiraquello, foram de condição servil, mas de doutrina tão nobre, que mereceram justamente o respeito, e veneração daquelles seculos; e Seneca na Epistola 47 assenta, que os servos eram capazes de toda a arte, e doutrina, e por esta razão respondendo à duvida

vida com que lido , diz Tiraquello as palavras seguintes : *Nec si servi plurimi medicinam exercuerunt , continuo sequitur eam servilem esse artem , & illiberalem. Nam tametsi artes liberales dictæ sint , quod liberis dignæ sint : tamen servos à se non rejiciunt quando , & ii liberalibus studiis erudiri possunt , ut probat textus in L. ult. in fin. ff. de Ædilit. edict. Multosque servos legimus ad supremum usque Philosophiæ , & aliarum nobilissimarum artium fastigium evectos fuisse.*

Agora se entenderá ajustadamente a clausula das palavras : *Si modo ingenui sunt* da *L. Archiatros 8. Cod. de Metat. & Epidemic. lib. 12.* , de que logo me lembrarey , nas quaes os Emperadores Theodosio , e Valente , distinguiraõ os Pintores ingenuos dos servís , ou porque seriaõ poucos os escravos , que se applicavaõ a esta sciencia , ou para que fossem menos ; ou nenhuns , vendo-se privados da honra concedida aos ingenuos , porque sempre os Emperadores quizerãõ salvar a ingenuidade do Edicto dos Gregos neste ponto.

Com esta advertencia pondero , que nenhuma das Leys apontadas nos Doutores dá opiniaõ

opiniã negativa contra os Pintores , falla da Pintura em quanto sciencia , dizendo , que naõ he ingenua. A L. *Hæ operæ* 23. *ff. de Oper. libertor.* , em quanto diz , que o liberto deve prestar ao Patrono as obras da Pintura , logo declara , que naõ he pela natureza da manumissãõ , mas pelo contrato , que fez com o Patrono , e por isso devendo as obsequiaes pela Ley natural em gratificaçaõ do beneficio da liberdade , só deve as obras da Pintura pela convençaõ do contrato ; e daqui nem por argumento remoto se segue , que a Pintura , em quanto sciencia , seja Fabril , porque o servo ( que pela disciplina Romana podia aprender as artes liberaes ) para conseguir a liberdade prometteo pintar para seu Senhor , naõ se podendo inferir do Pintor servo para o Pintor ingenuo.

A Ley *Quoties* 24 do mesmo titulo só explica o como , e o quando se devem essas obras em observancia da estipulaçaõ contratada entre o servo , e o Senhor. A Ley *Si non sortem* 26 , *q. Libertus* 12. *ff. de Condiçt. indubit.* nas palavras *veluti pictorius* , usa de termo explicativo da paga , e naõ comprehensivo de obras Fabris , como bem explica a Glossa. A

Ley

**Ley 1. Cod. de excusat. Artific.** porque entre as pessoas, que são isentas dos tributos pessoasas incluio os Pintores, não disse, que elles eram mechanicos, assim como por isto o não eram os Medicos, considerados juntamente no Privilegio concedido na dita Ley.

Na mesma forma a Ley *Archiatros* já citada, da qual pervertida a verdade da sua intelligencia, quizeraõ alguns Doutores deduzir argumento contra os Pintores, derivado da differença, e separaçãõ dos nomes: *Archiatros nostri Palatii*, (differaõ os Emperadores) *nec non Urbis Romæ, & Magistros litterarum pro necessariis, Artibus, vel liberalibus disciplinis, nec non Picturæ professores (si modo ingenui sunt) hospitali molestia quoad vivent, liberari præcipimus.* Os Medicos do sagrado Palacio, e os da Cidade de Roma, os Mestres das Artes liberaes, e os Professores da Pintura, não escravos, em quanto viverem, mandamos, sejaõ isentos de Hospedes, e Soldados, e de Aposentadoria do Principe. E quem não vê o quanto he exuberante o Privilegio concedido nesta Ley à Pintura, comprehendendo os Professores ingenuos della com os Protomedicos, (dos quaes diz

Bartolo na L. unica , *Cod. de Comitib. & Archiatris* , tinhaõ a dignidade Ducal) e aos Meſtres das letras , e Artes liberaes ; mas baſtou dizer o texto : *Nec non Piçturæ profefſores* , para ſe argumentar , que ſe elles foſſem nobres , ſe incluireiaõ nas palavras *vel liberalibus diſciplinis* , e eſcuſadas ſeriaõ as outras , *nec non Piçturæ profefſores* , que eſtaõ denotando ſerem mecha-nicos , porque o texto os tratou , e diſtinguiõ ſeparados dos Profefſores das ditas Artes , o que naõ feria aſſim , ſe nellas foſſem comprehendidos.

Este he o argumento mais forte , que ſe eſcreve contra a Pintura ; e quanta debilidade teraõ os outros ſe eſte he taõ fraco , ſendo o mais valente entre elles? Eſte texto , que bem entendido , he capital a favor da Pintura ingenua , o allegaõ em primeiro lugar os Doutores , que a defendem ; e eu occultando com reverencia o nome deſſes Antagoniſtas , hey de ponderar contra elles os argumentos , que ſe formaõ deſte texto , e que à ponta da penna , me miniſtra o diſcurſo. Neſte texto ſe trataõ diſtinçtamente os Medicos , e Protomedicos pelos ſeus nomes : *Archiatros noſtri Palatii , nec non Urbis*

*bis Romæ*; e se elles não deixão de ser nobres estando com separaçãõ das palavras *vel liberalibus disciplinis*, como não seraõ nobres os Pintores, que no *nec non Picturæ professores* estaõ com igual separaçãõ? A razãõ de differença fera difficilima de affinar-se. Já se não deve duvidar, que os Medicos saõ nobres; fosse embora disputada a sua nobreza nos seculos passados, como lemos nos Escritores contra ella: logo se os Medicos ficaõ nobres estando nomeados por seu nome appellativo naquelle texto fóra das ditas palavras *vel liberalibus disciplinis*, tambem os Pintores ingenuos, que igualmente se nomeaõ, seraõ nobres, sem lhes obstar a generalidade das mesmas palavras.

Gotofredo na explicaçãõ deste texto verte com admiravel intelligencia na particula *ut*, a conjunçãõ *nec non*, para que as palavras dos Emperadores se entendaõ, que aquellas preeminencias, e isenções se davaõ às pessoas referidas, para que ensinassẽ a adolescencia Romana, e a industriaßem nas Artes liberaes, como o faziaõ os Pintores: *Ametatis sunt immunes, tantisper dum vivunt Archiatri Palatii; & Urbis Romæ, Magistri litterarum, pro vere*  
D ii            *necef-*

*necessariis, & liberalibus disciplinis, ut Picturæ professores si modo, ingenui sunt.* Porque se ensinam ( diz Dionysio Gotfredo ) as disciplinas, que são verdadeiramente liberaes como os Professores da Pintura : *Pro vere liberalibus disciplinis, ut Picturæ professores* ; constituindo a estes Professores não só nobres, mas por exemplo ( neste texto ) das Artes, que são precisas, e liberaes verdadeiramente.

Nem o contrario póde sustentarse, usando os Emperadores das palavras *Picturæ professores*, que na pureza do sentido juridico, da latinidade Romana, e dos Jurisconsultos, significação Professor de sciencia, e Arte liberal : *Inde professores, qui artes liberales profitentur*, diz Brissonio, e com muitos exemplos Calepino, Grutero, e Plinio Junior, e por isso no corpo de Direito ha titulos inteiros no *Cod. Qui ætate, vel professione se excus. lib. 10. & de Professorib. & Medic.* no mesmo livro, e nestes titulos, textos formaes, como são ( deixados outros ) a *L. 1. Cod. Qui ætate: cum vos affirmetis liberalibus studiis operam dare maximè circa juris professionem, L. Medicos, Cod. de Professorib. & Medic. & professores alios litterarum.*  
*L. final.*

*L. final. eod. tit. Hæc autem , & professoribus memoratis ;* e admiravelmente na *L. i. ff. de var. & extraordin. cognitionib.* e esta foy sempre a fraze pela qual os Emperadores, e os ditos Jurisconsultos explicaraõ as sciencias liberaes, chamando Professores às pessoas, que as exercitavaõ; e o argumento deduzido da propriedade juridica da palavra tem grande respeito em Direito.

Naõ deroga a Pintura à Nobreza como as Artes sedentarias, e fordidas costumaõ prejudicar; porque o Pintor, nobre por origem, nobre fica sendo Pintor: logo a Pintura naõ he mechanica em si. Deixo a intelligencia commua, que a diversidade do nome só procede quando as palavras se naõ unem, ou symbolizaõ na natureza da cousa, de que ellas trataõ pelo texto na *L. Si quis filium 3. Cod. de liber. præterit. cap. Ea quæ extra de simon. cap. Intelligentia, cap. Propterea extra de verbor. significat.* e omittindo as mais, que aqui occorrem, me lembrarey de tres ponderações sómente. A primeira, e vigorosissima nos preceitos da sciencia legal, que se a Ley quizesse, que a Pintura naõ fosse ingenua, tendo principios, e progressos

fos nobilíffimos , facil lhe era declararallo ; e como o naõ exprimio , ficou ella sendo liberal. A segunda , que sendo os Pintores Cidadãos Romanos , por Julio Cesar , como Professores das Artes liberaes , às quaes participou as honras , e prerogativas concedidas aos ditos Cidadãos , que naõ eraõ taõ faceis de conseguir , como o foraõ no Imperio de Antonino , Pio , e de Justiniano , havia ser a Pintura liberal necessariamente. A terceira , porque além dos Doutores antigos , e de grande veneraçãõ , chamarrem sempre à Pintura nobre como Arte liberal, de que se escreveria catalogo extensíffimo , se fosse importante , he ella ingenua considerada no seu principio , nas suas virtudes , no seu progresso , e em todos os Direitos escritos , assim sagrados , como profanos , e politicos ; e tantas prerogativas , e excellencias ajustadas entre si , nenhuma Arte liberal , e sciencia conseguiu com tanta naturalidade , e tanto merecimento , como a Pintura.

Perdoe-me agora o Direito Civil , que eu o reconvenha , já que nelle se buscaõ Leys para abater esta sciencia. No Imperio Grego , havendo tanta sabedoria , estava em taõ pouca reputa-

reputação a sciencia Civil , que só a aprendiaõ pessoas humildes , e por isso os Jurisconsultos Gregos foraõ homens vis no mesmo tempo , em que os Pintores eraõ pessoas nobres. Seguirãõ-se os seculos Romanos , nos quaes os Jurisconsultos foraõ na mayor parte Varoens amplifsimos , e os Mancebos illustres , que aspiravaõ a Magistrados , e dignidades , estudavaõ a sciencia legal , cujos rudimentos , ou principios vieraõ de Athenas , Cidade de Grecia , nas dez Taboas , que com as duas , que os dez Varoens Romanos lhes accrescentaraõ , constituiraõ a primeira fonte de Direito Civil ; e veneraraõ tanto os Romanos a politica , e disciplina Grega , que já mais a offenderaõ , decretando , que em Roma , e no seu Imperio fosse nobre tudo o que nos dos Gregos era , ou tinha sido liberal.

Daqui infiro , que antes de haver Direito Civil Romano , já a Pintura era ingenua ; e quando a sciencia legal era vil em Grecia , a Pintura era nobilissima : logo tem a Pintura principio mais nobre , e antigo , que a Jurisprudencia Romana. Os Romanos Jurisconsultos foraõ fabios , eloquentissimos , Mestres das sciencias , e sum-

e summos estimadores dellas: os seus conselhos se regiaõ pelos fins honestos das cousas, e pelas diffinições, e etymologias: estimaraõ grandemente as Artes liberaes, que naõ clausularaõ a termo, e nome certos, porque tiveraõ por ingenuo tudo o que os Gregos estimaraõ como liberal; e naõ he crível, que descobrindo na Pintura todas as virtudes moraes, que ornavaõ as sciencias, que tanto estimaraõ, e privilegiaraõ, abateffem esta Arte, que he compendio das melhores, e principaes; pois naõ poderia o engenho Romano descobrir artificio, com o qual de materiaes puros, e nobilissimos se formasse huma imagem impura, e sem nobreza: venho a dizer, que de sciencias ingenuas se compuzesse outra, que fosse mechanica.

Todas as operações do entendimento moral, e sabio faõ nobres, e tambem o faõ as em que o corpo tem parte menor, que o entendimento: nelle se geraõ as sciencias, e nelle nasce a sciencia da Pintura. Produzem-se do juiço, e do discurso as operações intellectivas, e deste principio faõ produzidas as invenções da Pintura. As acções moraes, e os fins decentes, que o entendimento aconselha pelo meyo das

das

das sciencias , tem a Pintura por objecto , e doutrina; e tudo o scientifico , e doutrinal nas Artes liberaes para ennobrecer , e instruir o entendimento , para vida sábia , e regular , desempenha a Pintura com vistoso exercicio. E como reputariaõ os Romanos por illiberal a Pintura , se nella tem o juizo mayor emprego , que o corpo , e tudo o que constitue liberaes as outras sciencias , se executa na Pintura?

Os Romanos foraõ estimadores , e observantes da Politica , instruidos nas Historias: (que pelo preceito do Emperador tanto he precisa para os professores de Direito) sabiaõ o que passara nos séculos dos Gregos , cuja doutrina imitavaõ na mayor parte , e muito melhor estavaõ certos na sua Historia Romana , pela qual conheciaõ , que o filho terceiro , e legitimo do seu segundo Rey , fora Pintor , e que esta sciencia , e o seu appellido se conservara nos seus descendentes por alguns séculos , sendo Consules , e Embaixadores. Naõ ignoravaõ , que os Emperadores Constantino , Adriano , Marco Antonio o Filosofo , Alexandre Severo , Nero Valentiniano , Gordiano , Elio Aureliano , Marco Aurelio , Augusto , Tiberio , e Justiniano ex-

E                   ercita

exercitaraõ com grande applicaçãõ a Pintura , e a estimavaõ em gráo excellente , unindo à gloria de Pintores , as soberanias de Monarcas , e naõ sendo verosimel , que legislassẽ contra ella , he natural , que a intitulassem sciencia Imperial , alludindo aos Emperadores , que a praticaraõ. E se para ser nobre o Medico bastava tomar o pulso ao Rey , naõ haviaõ tratar de mecanico o Pincel , andando exercitado na maõ de tantos , e taes Emperadores.

Agora me torno a confirmar no pensamento , de que por isso em todo o Direito Civil se naõ lê texto positivo contra a Pintura ; porque naquelles seculos foy reputada ingenua pelas Artes liberaes , que incluía em si , e pela qualidade das pessoas , que a exercitaraõ ; e na verdade , que lançando a vista à Historia desta Arte , se naõ descobre nella motivo , que divirta o juizo deste pensamento. Se lhe buscamos a nobreza pela antiguidade , basta dizer com Plinio , que os Egypcios se jaçtavaõ de ser nelles inventada a Pintura , seis mil annos antes que passasse para Grecia : se a invençãõ , todos concordãõ , que foy tirada , ou perfilada pela sombra do homem , creatura mais nobre , e perfeita da maõ  
de

de Deos: se as virtudes, todas são de entendimento, e de espirito: se a sciencia, exercita ella muitas das liberaes com vistosa, e visível perfeição: se o predicamento, foy o mais nobre, que no Mundo politico, e em todos os seculos conseguiu outra sciencia, já na estimação, porque a dos Pintores insignes foy em gráo sublime: já na immuidade, pois a casa, e a pessoa de muitos foraõ respeitadas; já nos talentos, porque he incrível, e suspeito o que escreve Plinio, dos que se dispendiaõ nas Pinturas; e já na participação das excellencias pelos muitos Principes, que a exercitaraõ.

Cediaõ à Escritura, o Poema, a Historia, a Oraçaõ Rhetorica ao pergaminho, e papel alheyo, em que se escreviaõ naõ só com tinta, mas ainda que fosse com letras de ouro; e o pano, posto que precioso, e a taboa, ainda sendo de prata, cedia à Pintura scientifica, que nelles se formou, reprovando Justiniano para esse fim a opiniaõ de Paulo. Comprehendiaõ-se os livros de divertimento do Testador, mas naõ as Pinturas, no legado, que elle deixou do campo, nem, legando-se a prata, o que nella estava pintado; porque a materia se transforma-

va na Pintura como parte mais nobre , que ella: Cicero , que foy peritissimo em Direito Civil , e nas letras , e sciencias , querendo exaltar o Poema de Homero a gráo excellente , disse , que era Pintura , e naõ Poesia , assentando naõ podia ter melhor elogio , para exaltar aquella rara Obra , que transformalla de Poema em Pintura.

Assim he: porém o costume do Paiz , que os Doutores mandaõ attender , tem estabelecido direito , que prevalece a estes discursos ; mas porque eu hey de clamar contra este costume , combati até aqui os fundamentos delle. Assim he , que he costume , mas barbaro , e reprehensivel entre nós , por isso mesmo , que só nós o praticamos contra a observancia dos Imperios polidos , e a estimaçaõ dos mayores , e melhores homens em todos os seculos: e he para lastimar , que sendo Portugal elegante cultivador , e propagador das sciencias , e bellas letras , naõ tenha desterrado este costume , que assim se introduzio , naõ por geral consentimento dos seus Doutores , mas de alguns , e que tanto se aparta dos preceitos Catholicos , e Politicos , a que devia fugeitar-se : e quanto receyo , que este

te vituperio , que se pratica com a Pintura , se approprie com justiça na nossa reputação , e que por defestimadores desta Arte sejamos barbaros no conceito dos Varoens eruditos! Quem ler , que entre nós se abate a Pintura generosa , quando affim se humilhaõ os seus Artifices , pôde dizer , que ignoramos as virtudes , ou desprezamos as sciencias , que são inseparaveis da Pintura virtuosa. E que responderemos em defençaõ do nosso credito , se nos criticarem , de que em Portugal se defauthoriza a Arte , que foy digna da applicação de Pontifices , de Cardeaes , de Emperadores , de Reys , de Arcebispos , de Bispos , de Principes , de Princezas , de Duques , de Marquezes , e das mayores pessoas de ambos os sexos , e de ambos os estados Ecclesiasticos , e Seculares?

Como nos justificaremos , se formos estrañados de não estimarmos distinctamente a sciencia , que elevou a tantos Pintores aos empregos mais excelsos da honra , huns merecendo o caracter de Embaixadores , muitos a distincção de Cavalleiros armados pelas sagradas mãos das Magestades , alguns os titulos de Grandes do Reyno , e de Genti-homens de Principes , e todos

dos as estimações mayores da Republica? E isto porque não amamos, o que devia ser amado no mesmo tempo, em que dão brado no Mundo as vozes das nossas applicações, e do apreço, e cultura, que fazemos das sciencias! Queremos ser sabios desestimando a sciencia, que toda he obra do entendimento? Seremos generosos perseguindo a Arte, que he congregado de virtudes generosas? Veneraremos, e adoraremos as Imagens, e as obras, e desestimaremos a sciencia, e a mão, que as produzio, porque pervertida a ordem de geração politica, he nobre entre nós o produzido, e mechanicamente o producente. As produções se elevaram nos Templos, nos Altares, nos Palacios, nas galarias, nos gabinetes, e nos sitios do decóro mais sublime; mas os producentes foram sumergidos no tristissimo abatimento da mechanica? Valeria huma Pintura preço tal, que não valha a mayor Livraria, e andará em cabeça de Morgado a Pintura: porém a sciencia se não livrará da classe da plebe, em que anda vinculada!

Fortissimos paradoxos, e delirios, e chimeca extravagante do engenho, com que de materiaes puros, e nobilissimos se forja hum mix-

to impuro, e sem nobreza ! Direy, que não he isto uso, mas abuso em Portugal ; credito, mas descredito do Paiz, digno de costumes mais doutos, e politicos: direy, que não póde estar na pratica, o que não está na Ley: direy, que não he observancia da Ley transgressão della para sustentarse o costume, que em si he irracional. Tem o uso força de Ley, se não he reprovado nella: a observancia ajustada interpreta a Ley nos privilegios, nos estados, e outros actos; mas por isso eu digo, que este uso do nosso Paiz he errado, por ser contraposto às Leys, aos Doutores, e aos principios, e preceitos das sciencias principaes da razão recla, natural, e politica, que o constituem abominavel, e gerador fecundo de tantos absurdos, que nelle se descobrem em qualquer investigação.

O Jurista, que conhece, que além das sete sciencias, que Santo Isidoro exemplificou, são liberaes todas as Artes dignas do Varaõ livre, e que os Gregos reputaraõ por liberaes, detestará este abuso contrario aos elementos da verdadeira Jurisprudencia, pois vê desestimada a Pintura, Arte, que nos explica, e instrue melhor, que outra alguma, o que he bom, e em que

que se ajustaõ completamente , a definiçaõ , e os predicados das sciencias liberaes , que tanto se respeitaraõ nos seculos Romanos.

O Canonista , que venera por nobre a sciencia , que nos conduz ao exercicio das virtudes , e da compostura das nossas vidas , reprovará este abuso , vendo abatida a Pintura , que he o degráo pelo qual subimos ao conhecimento do que he justo , e das maravilhas de Deos , e he Historia dos sabios , e Mestra muda , eloquente , e doutrinal dos idiotas.

O Theologo , que pela doutrina de Santo Agostinho reputa sciencia liberal tudo o que nos dirige para fim virtuoso , e noticia do Creador supremo , maldizerá este abuso ; porque a Pintura nos mostra o caminho recto , pelo qual devemos caminhar a esse fim , e nos dá luz clara , e visivel da Historia sagrada , da representaçaõ possivel de Deos , das suas creaturas , e da fermosa maquina de huma , e outra Jerusalem.

O politico , e erudito na Historia universal blasfemarã contra esse abuso , tendo lembrança da distincã das honras , e dos cabedaes , que em todos os seculos mereceraõ os Pintores insignes , Gigantes heroicos da estimaçaõ politica,

tica, não mais generosa para com elles, do que merecida: e sujeito o abuso a estas detestações, e blasfemias, para onde fugirá, que não experimente mayores invelivas, e condemnações? Se para os Direitos Legaes, se para os Canonicos, se para os preceitos Theologicos, se para os Politicos de todo o Mundo, nada achará, que o patrocine com evidencia: se para os Doutores, poucos contará por si na comparação dos muitos, que o encontraõ: se para os fundamentos, são elles tão humildes, como o he o juizo, e a paixãõ de quem se aproveita delles.

Dizem, que he mechanica a Pintura, por se exercitar com materias, ou materiaes de baixa qualidade. Esses fragmentos, por não dizer trapos, de que se fóma o papel, e essa vil pelle, de que se compoem o pergaminho, em que se escrevem, e praticaõ as Sciencias, as Theologias, os Canones, as Leys, as Historias, e o mais que he scientifico, são mais nobres, que o pano, o cobre, a taboa, em que se exercita a Pintura? A penna, e a tinta, que serve às sciencias liberaes, são de material sublime ao pincel, e às cores, de que usa o Pintor? Escre-

ve o Jurista , o Canonista , o Theologo , e o Historiador no papel , e no pergaminho com a penna , e a tinta , que tudo em si he materia vil , e tem valor limitado ; e nem por isso he mechanicos o Jurista , o Canonista , o Theologo , e o Historiador : e ha de ser plebeo o Pintor , porque com pinceis , e tintas de preço usa de panos , e de materiaes subidos , nos quaes lança as Imagens ?

Se Homero , se Virgilio , se Camoens , se Cicero , e outro Heroe das idades passadas escrevesse , e com letras de ouro , o seu Poema , as suas Orações no papel , ou material alheyo , ainda que humilde , cederia tudo ao papel , e ao material , adquirindo-se ao dono delle , e não o papel , e material a Homero , Virgilio , Camoens , e Cicero. Mas se o Pintor conspicuo pintasse em huma lamina de prata , ou de ouro , huma figura ajustada ao primor da Arte , cederia a lamina à Pintura como parte nobilissima , que attrahia a si o menos nobre : disse o Jurisconsulto Paulo o contrario , porque foy reprovado no Direito novissimo de Justiniano.

Por isso Pomponio determinou , que as Pinturas feitas na prata se não incluiffem no legado

gado della : *Nec imagines argenteæ argenti appellatione continebuntur* ; e estas imagens sabem os eruditos , que se entendem da Pintura pela *L. Si Imaginem, & in rubric. Cod. de Statuis, & Imaginibus* ; não sendo assim nas pedras preciosas , porque logo no *l. Pervenimus*, disse , que cedessem ellas à prata ; que he tal no juizo das Leys a excellencia da Pintura , que attrahe a si como accessorio menos nobre a materia da prata , que a respeito das pedras preciosas se reputa como causa principal : *Pervenimus ad gemmas inclusas argento , auroque. Et ait Sabinus , auro , argentoque cedere.* E pouco importa , que seja a prata material mais nobre no concurso das pedras preciosas , se concorrendo com a Pintura , ha de ser ella mais preciosa , que a prata. Pinta , torno a dizer , o Artifice em pano , em taboa , em cobre , em marfim , em crystal , em prata , e em ouro ; e o Jurista , o Canonista , o Theologo , o Historiador , escreve em papel sómente : usaõ huns de tinta , e instrumentos humildes , e o outro de tintas , e instrumentos nobres ; e não sey descobrir razaõ congruente , para que contemplados os materias sejaõ o Jurista , o Canonista , o Theologo , e o

Historiador nobres, e o Pintor seja reputado por mechanico.

Dizem , que por venderem as suas obras , e trabalharem afalariados. He forte delirio , e paixã de dizer , e descuido , ou ignorancia das Historias ! Vender as obras , como naõ fosse perder a sciencia , mas estimar os effeitos , e producções della , foy costume dos Pintores grandes em todas as idades , e por preços taõ subidos , que bem mostraõ o valor , e estimaçaõ , em que estavaõ reputadas as Pinturas. Plinio refere o preço de algumas , e nós sabemos muito bem o como as dos Pintores antigos , e dos modernos , distinctos na fama , sciencia , e gosto de pintar , se costumaõ satisfazer , naõ só neste Reyno , mas com superior ventagem nos em que ha mayor estimaçaõ desta sciencia. Virgilio vendia os seus Versos por talentos ; Demosthenes , e Cicero , as Orações , que faziaõ ; e todo o Orador digno se enriquecia de cabedaes pela sua sciencia : o Advogado dispẽde com honorario a sua litteratura nos conselhos , e nas allegações : o Medico cura com interesse a quem tem com que lhe pague : o Prégador préga na certeza da esmola , que lhe daõ pelo Sermaõ : o

Juz

Juiz não julga sem ordenado ; e finalmente havendo direito para que as obras scientificas se reputem por preço nobre , não ha Ley , nem Doutor , para que as Artes liberaes percaõ a nobreza , porque se exercitaõ com interesse.

Já ouvi dizer , que algumas vezes eraõ salariados os Pintores , pondo-se no predicamento de jornaleiros : mas logo respondi , que tambem os Escrivaens , os Inquiridores , os Juizes dos Tombos , os Desembargadores , que sahem da Corte a diligencias , vencem salarios , ou honorarios , contados por cada hum dia , e com tudo não eraõ jornaleiros , nem mechanicos. Além do que , eu fallo do Pintor conspicuo , e não do abjecto , humilde , e borrador , que não está na graduação de Artifice distincto ; e assim como o Rabula não merece a honra , e nobreza de Advogado ; o não formado na Universidade o distinctivo honorifico de Medico approvedo ; e o Prégador idiota a eslimação de declamador perito ; tambem essa especie de Pintores não participa da nobreza privativa dos egrejos , que se sustentaõ com decencia , e gravidade ajustada às suas pessoas.

Estas são as duvidas , ou as bases , que sustentam

sustentaõ o abuso de Portugal , aonde os Pintores se fazem famosos por virtude propria , influxo do clima , e acçaõ da natureza , sem as exaltações , que fizeraõ nos outros Reynos a tantos Pintores memoraveis , e grandes : o certo he , que a geraçaõ politica , generosa , e precisa , em que devem desvelarse os Principes vigilantes do nome , e da gloria dos seus Imperios , só se consegue creando engenhos , produzindo sabios , e exaltando sciencias , animando , e ennobrecendo os homens dignos com as graças , que inflammem os espiritos , e perpetuem a gloria dos Soberanos. Por isso alentar as virtudes , e os virtuosos , promover as Artes , premiar as sciencias , foy sempre o dictame melhor dos Monarcas , e da Republica bem governada , para que se eleve a gloria publica , e se não injuriem os sabios , privados da remuneraçaõ , que merecem ; porque se no Systema Estoico a virtude era o premio de si mesma , nós , que com luz mais clara nos apartamos da austeridade deste Systema , necessitamos dos premios precisos , como frutos da virtude ; e para que ella se não esterilise , se fazem importantes as mercês , e retribuições , com que a sciencia se sustente no seu

seu decóro , e esplendor ; pois não renovamos as idades , em que os Filósofos ( fosse soberba , vaidade , ou perfeição nelles ) affectavaõ a miseria de cabedaes pela melhor riqueza , exaltando por tymbre das fúas fabedorias o desinteresse no desprezo das grandezas.

Houveraõ Apelles , Rafaeis , Bonarotas , Ticianos , Rubens , Duréros , Brandinélles , e outros Varoens insignes nos seus seculos , como feraõ memoraveis em todas as idades ; porque tiveraõ Alexandres , Summos Pontifices Leoens , Pios , Duques de Florença , Carlos V. , Philippes , e outros Monarcas , que honraraõ a sciencia da Pintura na exaltação dos seus Professores. Quem ler em Plinio , Vafari , Palomino , e outros Historiadores os seculos destes grandes homens , vendo occupados por elles os empregos mais distinctos , admirará , que dignamente foraõ Embaixadores , Plenipotenciarios , Condes , Gentis-homens , Secretarios , Cavalleiros , armados pelas mãos dos Principes , Arcebispos , e Conegos nas primeiras Cathedraes ; porque os braços daquelles Monarcas liberaes , e retribuidores com as sciencias , as premiavaõ com credito da Magestade , só Augusto , em gráo excellente ,

cellente , quando fertiliza a Republica com Varoens fabios , que são o ornamento della , e a gloria indelevel dos Reys , que amaõ o nome , e adiantaõ a reputaçã dos seus Imperios.

Até em Portugal lemos aos dous Christovãõ Utreque , e Lopes , Balthasar , e Affonso Alvares , Nicoláo de Frias , Affonso Sanches, Filippe Tercio, premiados com o Habito da Ordem Militar de Christo , ( honra , que naõ era vulgar naquelles reynados ) e ao dito Filippe Tercio , Commendador ; e naõ cederia Portugal aos Reynos do Mundo na fecundidade de Varoens eminentes nesta , e outras sciencias , se os engenhos , de que a natureza , e o Paiz saõ liberalissimos para comnosco , fossẽm alimentados com a estimaçã politica , e as liberalidades ajustadas à sua sciencia. Mas vemos , que ( prevertido o systema do Mundo morigerado ) se humilhaõ os Professores , distinctos da Pintura , na honra da politica , reduzindo-os o vil espirito , de quem assim o entende , ao conceito de mechanicos , sem mais fundamento , que a ignorancia das Leys , do costume universal dos Reynos , da historia das virtudes , que se encerraõ  
nesta

nesta sciencia , e das supremas , e Augustas pessoas , que a exercitaraõ.

Quem lançar a vista aos Imperios do Mundo , verá escrito no Catalogo especioso desta sciencia , como Pintores , a Constantino VIII. , a Adriano , a Marco Antonio Filosofo , a Alexandre Severo , a Justiniano , a Valentiniano , a Gordiano , a Nero , a Elio Aureliano , a Marco Antonio , a Augusto , a Tiberio , a Theodosio II. , a Maximiano II. , a Carlos V. , todos Imperadores : verá tambem a Francisco , Rey de França , aos quatro Filippes , Reys de Castella , os Infantes de Hespanha , a D. Joaõ de Austria , a Carlos Manoel , Duque de Saboya , ao Duque de Orleans , exercitando esta sciencia primorosamente : verá em Roma ao Pontifice Clemente XI. , e ao Cardeal Aquaviva. Na jerarquia dos Duques , e Grandes ao Marquez de Monte-Bello , Grande em Portugal , e Embaixador a Roma , Pintor excellente , vivendo da Pintura , e Mestre de hum filho de Philippe IV. , o Duque de Useda , o Duque de Alcalá , o Marquez de Aula , o Conde de Tula , e outras Personagens desta esféra. Na Ecclesiastica a D. Joaõ , Arcebispo de Cantuaria , D. Jeronymo

Mascarenhas, Bispo de Segovia, e outros Principes da Igreja, por ser a Arte de Pintar digna das mayores jerarquias, e estimada em todos os Estados Ecclesiasticos, e Seculares.

No Catalogo das Senhoras Illustrissimas, e de grandes Titulos, e Estados lerá a Duqueza de Bejar, a Duqueza de Aveiro, a Condesa de Valumbrosa, e outras Senhoras da primeira graduacão em Castella: e em Portugal a Condesa de Assumar, a Marqueza de Fronteira, a Senhora D. Maria Magdalena de Castro, mulher do Correyo mór do Reyno; e eu referiria outras Senhoras, se não bastasse para credito da Pintura leremse nesse Catalogo a Rainha de Hespanha D. Maria Luiza de Borbon, a Senhora Rainha D. Isabel Farnezio, mãy da Rainha nossa Senhora; e a V. Excellencia illustrando superiormente a serie augusta das soberanas, e Reaes Artifices da Pintura.

Se depois disto quizer saber a distincão de estimacões, com que foraõ respeitados os Pintores insignes, deixe os seculos dos Apelles, Zeuzis, Parrazios, Timantes, e outros, de que se referem honras incriveis; e lendo a Historia de tres seculos a esta parte, achará tantas cousas  
palmo.

palmoſas , que enchem mais a admiração , que a grandeza : achará a Rafael de Urbino acompanhado em publico de cincoenta discipulos , filhos da primeira nobreza de Roma ; e porque o Pontifice lhe demorou o Capello Cardinalicio , que lhe promettera , tanto que acabasse as Pinturas do Vaticano ; o casou o Cardeal Bibiena com huma sobrinha , estimando em muito o aparentarſe com o Apelles daquelle ſeculo : achará a Miguel Angelo Bonarota , Embaixador da Republica de Florença à Santidade de Julio II. : a Ticiano , armado Cavalleiro da Espora dourada pelo Emperador Carlos V. , Conde Palatino do Sacro Imperio , Cavalleiro do Habito de Santiago , e Gentil-homem do meſmo Emperador : a Rubens , Embaixador Extraordinario para as pazes , que ajultou entre Inglaterra , e Heſpanha , armado tres vezes Cavalleiro , por ElRey de França , ElRey de Inglaterra , e pelo Archiduque Alberto , Gentil-homem da Archiduqueza , e Secretario de Eſtado de Flandes : a Alberto Durero , Grande do Imperio pelo Emperador Maximiliano : a Diogo Velasques , Pintor da Camera de Filippe IV. Cavalleiro do Habito de Santiago , Aposenta-

dor mór , e Enviado Extraordinario ao Papa, de quem recebeo honras especiaes ; e além destes outros , que referirey em catalogo resumido , e admirará o Leitor a felicidade daquelles seculos , e dos seus Monarcas, que eternisaraõ os nomes nas Historias daquelles Varoens grandes.

Agora preguntaria eu aos Contrastes da nobreza da Pintura qual foy a sciencia , que teve tantos , e taõ Augustos Professores ? Qual a que dos principios deveis , que todas tiveraõ, se exaltou em Discipulos , e Artifices como a Pintura , nobilissima muitos seculos antes , que as Artes fossem liberaes ? Qual comprehende em si como a Pintura com exercicio expressivo , e sabio tantas sciencias heroicas ? Qual nos dá preceitos mais visiveis para a moralidade dos nossos costumes , nos ensina os passos da Historia da antiguidade sagrada , nos converte para o caminho da virtude , e mostra a idéa possivel da Bemaventurança ? E qual a em que adoramos a Deos , a Virgem Santissima Nossa Senhora , aos Santos , e aos mysterios da nossa Fé visivel , e vivamente como a Pintura , que nos representa em Imagens sagradas a Theologia pratica , e a crença da nossa Religiaõ ?

Tempo

Tempo era agora de se enfurecer o espirito, se não estivesse doutrinado pela longa disciplina de tantos annos contra este abuso de Portugal : e confessandome esses antagonistas, que a sciencia digna de Varão livre, e que conduz para fins virtuosos, era nobre, os arguiria de injustos, e temerarios, em julgarem mechanica a Pintura, que se exercitou, e exercita por pessoas ingenuas, e muitas excellas, e para effeitos, e frutos de espiritual aproveitamento.

Recorrem a que este ponto foy sempre de opiniaõ, como se neste Mundo houvesse cousa, que não fosse opinavel na vasta, e arbitraria liberdade dos homens, e preguntara eu para que ha de a Pintura reputarse mechanica, tendo opinioens para ser nobre, offendendo-se a esse fim todas as razoens civis, moraes, e politicas, que não mereciaõ offenderemse : offende-se a razaõ civil, porque se perverte a intençãõ das Leys, cujos fins se dirigiraõ a ennobreceremse as Artes liberaes, em que a Pintura se comprehendeo em todos os seculos: offende-se a moral, porque se abate huma sciencia, que he produzidora de tantas virtudes: offende-se a politica, porque se encontra o augmento dos Vaf-

fallos dignos, se deslustra a gloria, e reputação do Reyno no abatimento da sciencia, que cantou as primasias em todos os Imperios do Mundo, e foy exercitada pelos mayores, e melhores Monarcas delle, como a primeira das Artes liberaes, pelas sciencias, que comprehende, e pelos frutos, e documentos da sua doutrina: e isto por huma opiniaõ, que examinada na raiz, no numero, e na qualidade dos Doutores, se não he improvavel, tem menos probabilidade especulativa, e pratica, que a opiniaõ favoravel à Pintura.

Para ser ingenua esta sciencia como Arte liberal, se unem os discursos, que deixo escritos: se uniformão os Doutores em mayor numero, e concorrem as muitas sentenças, que têm os Pintores a seu favor para serem isentos das pensões, e dos ministerios, a que são sujeitos os plebeos. Não pagaõ jugada, nem se sujeitaõ ao Senado, e às Procifsoens delle, nem a Bandeira, como os officiaes mechanicos, porque a estes respeitos não se distinguem das pessoas nobres, e só se abatem sendo dispensados para os habitos das tres Ordens Militares, em que os nobres se não dispensaõ.

Este

Este he o abuso ; e donde elle possa nascer , eu o ignoro , pelos fundamentos , que referi : e se o ser mechanica a Pintura nasce de ter dependencia da operaçãõ manual , como ouvi dizer ; qual he a sciencia , que se não subordina a essa operaçãõ , e que se exercita absolutamente sem interesse ? Prêga o Orador Evangelico : exercita o Sacerdote o santo Sacrificio da Missã : administra o Paroco os Sacramentos da Igreja : julga o Ministro as demandas : advoga o Patrono nos litigios : canta o Musico : cura o Medico : ensina as sciencias o Mestre. E porque tudo isto se obra com trabalho corporal , e com honorario , e estipendio , nada disto será nobre ? E qual he a Arte de juizo , que passando da theorica para a pratica se exercita sem ministerio do corpo , que he o exercitador da especulaçãõ do entendimento ?

Se por não estar a Pintura declarada nas sete Artes liberaes , que individuou Santo Isidoro ; já disse , que nellas se não excluãõ todas as mais , pois a Jurisprudencia , e a Medicina , que são ingenuas , se não nomearaõ naquellas sete Artes. Todos assentaõ , que Santo Isidoro não taxou as Artes , mas que usando do numero

mero fetenario , que como perfeito foy muito estimado dos Antigos , explicou , e comprehendeo nas ditas Artes todas as sciencias , que se symbolifassem nellas , ou tivessem analogia , e commercio com algumas dellas ; e por isso a Jurisprudencia , a Medicina , e outras faculdades , que o Santo não nomeou , são liberaes , tanto como as sete nomeadas por elle . Assim que eu não sey descobrir principio legal , ou politico , para esta distincão , certamente metafysica , com que entre nós he tratada a Pintura , como nobre para muitos effeitos , e mechanica para outros , concordando-se fysicamente na mesma sciencia effeitos contrarios de nobreza , e plebecidade , não nos accidentes , mas na substancia , quero dizer , diversas subsistencias no mesmo sujeito , na mesma essencia , e na mesma natureza .

Neste ponto me desejava demorar , pois haviaõ alguns discursos de excellente Filosofia . Direy , que a Pintura , que em quanto sciencia , se funda só em actos interiores , ou sejaõ do entendimento , ou da imaginativa posta em pratica , e na operaçaõ das mãos dos Pintores , he obra externa secundaria , e accidental , que só

ló serve para exprimir os conceitos, formados na idéa do Artifice, que em quanto não passa de idéa, não he materia, corpo, ou accidente de alguma substancia, mas ordem, regra, fórma, e objecto do entendimento, que dispoem por modo eminential a figura, que se ha de pintar, e que antes de pintada ló está no conceito intellectivo do Artifice, e tudo o mais são accidentes, que não mudaõ a substancia, mas só exprimem os conceitos, que se formaraõ no juizo.

Esta distincão de respeito, em que consiste o abuso, pertende a Pintura se extinga em Portugal, para que fique igualada em tudo com as Artes liberaes, que ella illustra perfeitamente; e ninguem (Illustrissima, e Excellentissima Senhora) melhor que V. Excellencia tem dado testemunhos gentis, e elegantes desta verdade. Não póde ser a Protectora outra, nem mais Augusta, que V. Excellencia, nem o tempo mais proprio para a exaltação desta prerogativa, que o reynado de hum Monarca Joseph, que em tantas acções de distincta generosidade exercita o augmento, que promette o seu Nome. De hum Rey Joseph, cujos principios felices nos mostraõ

## 58 *Carta Apologetica, e Analytica.*

môstraõ já o Imperio ditoso , que illustrará os Fastos de Portugal , escrevendo-se nelles as virtudes del Rey nosso Senhor , e os frutos fazoados da prudencia , e do entendimento , que está produzindo o seu juizo nos annos da puberdade. E já que esta grande sciencia logra a felicidade de ter em V. Excellencia huma Heroína , que a ennobrece , espera justamente consiga Vossa Excellencia da mãõ Real , e sempre generosa do mesmo Senhor, o Decreto , em que declare, que he ingenua em tudo a sciencia da Pintura, e como Redemptora da sua ingenuidade em Portugal , se grave o nome de V. Excellencia no Catalogo dos Sacros , e Reaes exaltadores desta Arte , digna deste patrocínio de V. Excellencia ; assim como foy , he , e será benemerita da sua applicaçãõ scientifica , e admiravel. Deos guarde a Vossa Excellencia muitos annos. Lisboa 7 de Novembro de 1751.

Ill.<sup>ma</sup> e Ex.<sup>ma</sup> S.<sup>ra</sup> Marqueza Camereira mór:

De V. Excellencia

Menor Criado.

*Joseph Gomes da Cruz.*



<http://biblioteca.ciarte.pt>